



# PENSARDIVERSO

Direcção Científica Celina Martins  
Períodicidade Anual : Preço 10 €

# memórias

novembro 2016



ALBERTO PUCHEU  
ANA MARGARIDA FALCÃO  
ANA ISABEL MONIZ  
CELINA MARTINS  
GONÇALO M. TAVARES  
HUGO OLIM  
JOÃO DUARTE  
JULIETA MONGINHO  
OCTAVIANO CORREIA  
ODETE JUBILADO  
NAIDEA NUNES  
TATIANA ALVES CALDAS  
TATIANA SALÉM LÉVY  
THIERRY PROENÇA



REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS



PENSARDIVERSO

# *memórias*

*novembro 2016*



**CIERL**

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS  
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

## **pensardiverso**

universidade da madeira  
colégio dos jesuítas  
rua dos ferreiros  
9000-082 funchal  
madeira portugal

## **Sede da Redacção**

Universidade da Madeira  
Colégio dos Jesuítas  
Rua dos Ferreiros  
9000-082 Funchal  
Madeira Portugal  
pensardiverso@uma.pt

## **Design**

Susana Gonzaga

## **Periodicidade**

Annual  
edição: novembro 2016

## **Tiragem**

500 exemplares

## **Impressão**

Gráfica ACDPRINT  
Rua Marquesa de Alorna,  
12 A, Bons Dias  
2620-271 Odivelas

Anotada na ERC

## **Depósito Legal**

298194/09

## **Direção**

Celina Martins

## **Conselho Editorial**

Dominique Castanheira da Costa  
Naídea Nunes Nunes  
Odete Jubilado  
Celina Martins

## **Comissão Científica**

Aline Bazenga (Universidade da Madeira)  
Ana Isabel Moniz (Universidade da Madeira)  
Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra)  
Fernando Cristóvão (Universidade de Lisboa)  
Kelly Basílio (Universidade de Lisboa)  
Leonor Coelho (Universidade da Madeira)  
Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa)  
Margarida Pocinho (Universidade da Madeira)  
Maria Antónia Mota (Universidade de Lisboa)  
Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrecht)  
Nelson Veríssimo (Universidade da Madeira)  
Neusa Bastos (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)  
Paulo Miguel Rodrigues (Universidade da Madeira)  
Rita Godet (Universidade de Rennes)  
Vitor Magalhães (Universidade da Madeira)

## **Neste número, colaboram também como avaliadores *blind peer review***

Cristina Santos Pinheiro (Universidade da Madeira)  
Eunice Cabral (Universidade de Évora)  
Florence Dravet (Universidade Católica de Brasília)  
Jane Tutikian (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)  
João David Pinto Correia (Universidade de Lisboa)

*percurso*

- 7** Nota Editorial

*varanda*

- 12** **Gonçalo M. Tavares**  
Memória 1 e Momória 2

*janela da literatura*

- 24** **Celina Martins; Tatiana Salém Lévy e Gonçalo M. Tavares**  
Os percursos da memória
- 40** **Tatiana Alves Soares Caldas**  
A memória como marca de resistência “Nas águas do tempo” de Mia Couto
- 58** **Ana Margarida Falcão; Ana Isabel Moniz**  
Maria Lamas: o despertar da mulher num percurso da escrita epistolar para a escrita pública
- 76** **Odete Jubilado**  
Memórias da escuridão da História em José Saramago

*janela das artes visuais*

- 80** **Hugo Olim**  
Found Footage: descobrindo sentidos nos filmes do passado

*janela da linguística*

**112 Naidea Nunes**

Um conto popular e dois romances tradicionais nas memórias de uma contadora de estórias da Ponta Delgada, concelho de São Vicente, ilha da Madeira.

*pólen & palavras*

**115 Ana Margarida Falcão**

Poção de nuvens e anona

**118 Octaviano Correia**

Nós escrevemos no peito

**123 Alberto Pucheu**

A testemunha

**128 Julieta Monginho**

Bicicleta

*novas vozes*

**132 Thierry Proença dos Santos**

Memórias – Volume I, de Horácio Bento de Gouveia (filho)

**136 João Ricardo Oliveira Duarte**

Morte aparente no pensamento, de Peter Sloterdijk

# *Memórias da escuridão da História em José Saramago*

Odete Jubilado

CEL- Centro de Estudos em Letras

Universidade de Évora

jubilado@uevora.pt

## **resumo**

*A nossa reflexão sobre a memória na ficção de José Saramago incide sobre as memórias da repressão em Levantado do Chão. Trazer de novo à memória a repressão é reler o passado, não esquecendo os actos atrozes que a História dos homens veicula. Memória e História articulam-se assim num “grito” de resistência que o romance leva até ao leitor ao denunciar a repressão.*

Palavras-Chave: *memória, História, Saramago, repressão, Alentejo*

## **abstract:**

The author's reflection on memory in the fiction of José Saramago focusses on the memories of repression in Levantado do Chão. To bring back repression to one's memory is rereading the past, not forgetting the atrocious acts that men history conveys. Memory and History are thus articulated in a “cry” of resistance that the novel leads to the reader in denouncing repression

Keywords: *memory, History, Saramago, repression, Alentejo*

*Esse tempo passou [...].*  
 – *Tem razão. Tudo mudou, até o passado.*  
 – *Sobretudo o passado. O passado vai mudando*  
*consoante o presente [...]. Não se consegue*  
*construir um*  
*novo futuro sem primeiro mudar o passado.*

*José Eduardo Agualusa, Barroco Tropical*

É sabido que a Literatura não nos permite apenas sonhar e viajar, ela permite-nos reflectir ao explorar os abismos do homem e do mundo, denunciando e combatendo a escuridão e o medo, ao convocar aquilo a que Fernando Gómez Aguilera (2010:17) chama “[...] as zonas obscuras da História, do ser humano e dos mecanismos do poder, do controlo ideológico e da injustiça”. Ora, é precisamente neste combate contra a escuridão e o medo que se insere *Levantado do Chão* de José Saramago. O romance evidencia justamente as relações entre Literatura, História, memória e resistência ao confrontar e reavaliar “as zonas obscuras da História”, isto é, o passado que é convocado para a construção de um presente e de um futuro melhores. A Literatura funciona assim como uma forma de resistência ao lembrar e dar testemunho destas “zonas obscuras da História”, sendo a temática da história aqui entendida, segundo Maria Alzira Seixo (1999: 123): [...] num sentido muito lato, que abrange não só temas mas também um tratamento ficcional específico dos materiais da História na narrativa literária [...], e que é certamente, pelo menos, um modo de reflectir sobre a dimensão do tempo na ficção, seja ele o passado, o presente, o futuro, ou mesmo a perspectiva do intemporal ou do ucrónico.

Na linha, aliás, daquilo que Maria Alzira Seixo define como a “história da ficção”, isto é, “Um pensamento específico do tempo, que é nela [a obra] ficcionado enquanto decurso fundamental da existência humana ancorada no tecido social, e na experiência que o homem, enquanto o funda, nele colhe” (Seixo, 1999: 123-124). Ora, esta experiência temporal do homem, que se manifesta numa “travessia dos tempos” (Seixo, 1999: 124), aparece justamente associada a uma reconstrução do passado que passa por uma consciência crítica ao adoptar, na narrativa, o ponto de vista do outro (o esquecido pela história oficial). Os romances de Saramago mostram, assim,